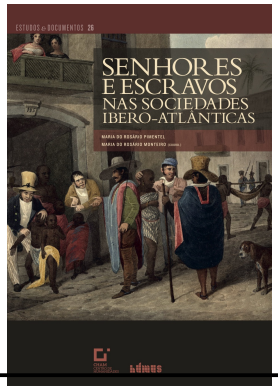


Senhores e escravos nas sociedades Ibero-Atlânticas

Coleção | Collection: Estudos & Documentos, Volume 26

DOI: https://doi.org/10.34619/rswl-6jsl

Homepage: https://livros.fcsh.unl.pt/cham

Maria do Rosário Pimentel Maria do Rosário Monteiro

Editor | Publisher:

Edições CHAM

https://livros.fcsh.unl.pt/cham

Copyright:

Maria do Rosário Pimentel; Maria do Rosário Monteiro, António Borges, Adriano Moreira, Alberto de Carvalho, António Manuel de Andrade de Moniz, António Martins, Carlos Engemann, Célia Maia Borges, Clara Sarmento, Elisete da Silva, Maria Cristina Neto, João Pedro Marques, Jonis Freire, Jorge Fonseca, Jorge Matta, José Augusto dos Santos Alves , Joseph Abraham Levi, Marcia Amantino, Marcia Eliane Alves de Souza, Margarida Vaz do Rego Machado, Rute Dias Gregório, Maria da Graça Alves Mateus Ventura, Miguel Real, Rocío Periáñez Gómez, Ronaldo Vainfas, Simon Edwards, Augusto Moutinho Borges, Martin Lienhard, Ana Maria Ramalhete, Rui Zink, Leonor Dias de Seabra, Maria de Deus Beites Manso, Maria do Rosário Pimentel, 2019

© O(s) Autor(es). Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s). This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

As afirmaÃ§Ães proferidas e os direitos de utilizaÃ§Ã£o das imagens sÃ£o da inteira responsabilidade do(s) autor(es). The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s). Â

AUGUSTO MOUTINHO BORGES*

Negros na azulejaria: figurações duma minoria através da arte (séculos XVII-XIX)

A representação de negros na azulejaria em Portugal tem sido desvalorizada. É disso testemunho a sua escassa representatividade na iconografia e nos estudos científicos, quer específicos, quer generalistas (Calado 1986; Meco 1989). Talvez a quase inexistência destes espécimes nunca tenha suscitado interesse por parte dos investigadores, atentos a outras temáticas consideradas mais oportunas. Vejam-se, por exemplo, alguns títulos de carácter civil, relacionados com a azulejaria e a sua ligação com o quotidiano ao longo dos séculos: dança[1], jogo, mesa, figuras de convite, estações da vida, actividades lúdicas, teatro, entre muitos outros. Procuramos, com este trabalho, desenvolver um inventário da localização da azulejaria com representação de africanos negros em território nacional para, desta forma, proceder a uma análise conceitual da expressão e representação artística relacionada com a temática iconográfica dos Negros na Azulejaria em Portugal[2].

O nosso estudo incide sobre os séculos XVII[3] a XIX, sem deixarmos de analisar o século XX para, em termos analíticos, conjecturarmos sobre mudanças de culturas e mentalidades ao longo dos tempos. Sabemos que, neste último século, diversos autores reproduziram negros na sua arte azulejar, integrados em ciclos temáticos, principalmente os relacionados com efusivas manifestações de apologia lusíada, como os ligados à comemoração de centenários na década de 1940. A nossa abordagem desenvolve-se em território nacional europeu, fazendo depois um estudo de caso centrado na Grande

* CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Academia Portuguesa da História, Portugal. *E-mail*: amoutinho.borges@sapo.pt.

1 A título de exemplo referimos o livro de Daniel Tercio (1999).

2 Para o tema é fundamental a consulta da obra de Isabel Castro Henriques (2008).

3 Até ao presente localizámos escassa representação de negros na azulejaria do século XVII, não deixando contudo de continuar a nossa procura. Ver obra coordenada por Maria Antónia Pinto de Matos (2012).

Lisboa, socorrendo-nos de outros elementos figurativos existentes na Península Ibérica, já que o fenómeno da escravização de africanos foi comum aos reinos peninsulares, tendo como áreas de influência Lisboa e Sevilha (Fonseca 2010). Não podemos deixar de mencionar o painel "La Xocolatada", de 1710, que se encontra no Museu de Cerâmica de Barcelona, representando diversas actividades comensais ao ar livre, e em que, numa das mesas, cinco criados servem doze nobres sentados. O que se destaca no painel é que dos cinco criados um é negro e, curiosamente, o único em toda a pintura representado sem cabeleira. Procurámos também outras abordagens peninsulares, mas sem êxito (Mântua 2005).

A primeira observação a fazer nos espécimes analisados é que a representação dos negros, nos séculos XVII e XVIII, é sempre fiel à sua condição social de escravo, salvo as figurações enfatizadas do rei Belchior na centralidade da temática cristã dos presépios[4], acompanhado normalmente na trilogia dos Reis Magos (**fig. 1**)[5]. As suas figurações encontram-se na quase totalidade entre os mosteiros e conventos nacionais e de além-mar, especialmente no Brasil (Simões 1965) e no espaço atlântico – arquipélagos dos Açores e da Madeira (Calado 1999) –, decorando inúmeros templos, claustros, salas capitulares e corredores em todo o território.

Se nas representações religiosas as figurações são normalmente fantasiadas e imbuídas de um misticismo anacrónico de matriz cristã, que procurava transmitir uma interligação fraterna das raças, as figurações profissionais de desempenho doméstico exprimem maior realismo (**fig. 2**). Na generalidade, estas representações reflectem o dia-a-dia dos negros escravos, suas actividades e condição social, podendo dividir-se a sua presença em três grupos: homens (os mais representados), mulheres (as menos representadas) e crianças (a meio entre os dois grupos anteriores).

As actividades dos negros ligam-se, entre outros exemplos: aos trabalhos piscatórios e da caça, como se verifica nos azulejos dos jardins do Palácio Fronteira, em Benfica, século XVII (Neves 1995) (**fig. 3**); às lides domésticas, como o espécime localizado na cozinha do Palácio Pimenta-Museu da Cidade, em Lisboa, século XVIII (Henriques 2008) (**fig. 4**); aos criados e criadas de mesa, representados no átrio de entrada nobre do Mosteiro de S. Dinis, em Odivelas, século XVIII (**fig. 5**), no *Salão Pompeia* do Palácio Olhão, em Xabregas, século XVIII (**fig. 6**) e na *casa do meio* da Casa Nobre de Lázaro Leitão Aranha, em Lisboa, século XVIII (Borges 2012) (**fig. 7**); e a jovens pajens de corte ou aristocracia, como no Palácio do Correio-Mor, em Loures, século XVIII (**fig. 8**), no Palácio do Marquês de Minas, em Lisboa, século XVIII e, mais a norte, no Palácio dos Biscainhos, em Braga, século XVIII (Eça 2005, 72-75) (**fig. 9**). No Palácio dos Biscainhos, havia um cómodo destinado aos escravos, pelo que não são de estranhar as

4 A título de exemplo, consultamos os trabalhos de Patrícia Roque de Almeida, que nos deu importantes informações sobre o tema em análise para o Norte (Roque de Almeida 2004). Para o Sul, António Barros Veloso e Isabel Almasqué (1996).

5 Belchior, Baltasar e Gaspar. Em complemento sugerimos a leitura de Arnaldo Pinto Cardoso (2003).

duas representações de negros neste Palácio: um na escadaria nobre, de um jovem negro músico numa feira, e outro, no salão nobre, de um jovem negro acompanhando o senhor ao ar livre.

De todas as figurações destaca-se a representação existente no Museu da Fundação Medeiros e Almeida (Vilaça 2006, 140-145) (**fig. 10**) de um negro como fazendo parte dos "brinquedos" da realeza, que consideramos uma idealização figurada da tela que Isabel Castro Henriques reproduz (Henriques 2008, 110)[6]. Este modelo vingou porque o seu autor foi Manuel Franco, pintor da Casa de Bragança e posteriormente pintor régio de D. João IV. Tendo pintado o infante D. Afonso (1643-1683) com o seu negrinho em tela (Serrão 2003, 41-42), não admira que pelo seu exotismo este trabalho fosse reproduzido, diversas vezes, em azulejo. Em todas estas reproduções, indiferentemente do tratamento decorativo, é representado um estrato social vinculado a uma minoria escravizada[7], e que no presente procuramos percepcionar no tempo e no espaço.

Caso não muito comum, é a representação de africanos no seu habitat natural, como se pode observar na igreja de Montaria, em Viana do Castelo (**fig. 11**)[8]. Verifica-se aqui a subordinação do africano ao europeu, convivendo ambos entre duas civilizações. A aculturação do negro ao estilo de vida do colonizador, como se verifica pelo menino que acompanha um casal vestido com roupagem que não a sua tradicional (saiote, casaco de manga, turbante mas descalço), é o que mais ressalta desta figuração. Vivia-se em terreno africano à imagem e semelhança da realidade europeia, obrigando os naturais às regras dos brancos. A aculturação também é extensiva à arquitectura, como se reflecte na existência de casas de sobrado e, por vezes, torreadas entre as palhotas.

Ao negro, como minoria social que era no período em análise (séculos XVII e XVIII), estavam-lhe vedadas algumas actividades profissionais, motivo pelo qual não o vemos a desempenhar determinadas funções (mesmo em figurações estéticas ou idealizadas), exercidas porém por outras raças, como os índios (representados no Palácio de Queluz, século XVIII) ou os mouros (presentes em *figuras de convite* (Arruda 1993) em território nacional, ao longo de todo o século XVIII).

Ainda no Palácio de Queluz, apenas encontramos, para o século XVIII, a representação de um negrinho dançarino (**fig. 12**). No Palácio Pombal[9], em Oeiras, um jovem escravo acompanha o senhor, seguindo na retaguarda e segurando-lhe a capa. Estas duas representações policromadas, com evidência no vinoso ou roxo manganês, distanciam-se

---

6 Tendo por base a pintura de Manuel Franco, de 1652-53.

7 Sobre este tema, sugerimos a leitura de Fonseca (2010).

8 Informação dada pela Doutora Patrícia Roque de Almeida, a quem agradecemos. A esta autora agradecemos também as duas imagens que teve a amabilidade de enviar, e que aqui apresentamos, devendo-se-lhe a sua localização e inventariação. Ver Cardona (2004, vol. 3).

9 Analisando a fotografia de 17 de Março de 2004 com base no modelo original tirada por Santos Simões, com data de produção da foto original de 1960-1970, é perfeitamente visível a coloração de pele escura do jovem que, fielmente, segue o seu senhor. O documento encontra-se em depósito na Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian.

do modelo em azul da escadaria nobre do Palácio dos Biscainhos, em Braga, que representa um jovem músico, dos muitos que frequentavam as feiras e mercados, entretendo o público e com os quais muitos senhores angariavam proventos, pelas esmolas recebidas e peditórios de chapéu na mão no final dos espectáculos. Ainda no Palácio Pombal, em Oeiras, uma cena de ar livre com damas e cavalheiros, onde se encontra um negrinho (**fig. 13**).

No levantamento que desenvolvemos em palácios, casas nobres e quintas na Grande Lisboa[10], e na diversa documentação consultada relativamente ao período da Restauração (1640-1668) (Borges 1999, 73-91)[11], procurámos, em vão, a presença de negros em representações belicistas, figurando como *não-combatentes*, na retaguarda dos exércitos ou apoiando a logística (Lobo 1997). Até ao presente não localizámos qualquer representação de africanos na complexidade dos campos de batalha, sabendo porém que muitos escravos acompanhavam os senhores na guerra. Considerando os pormenores com que alguns dos painéis são pintados, seria expectável a figuração de alguns africanos nos campos de batalha (Almeida 1997), mas tal não se verifica.

Em termos percentuais, a representação de negros é mínima relativamente à totalidade das outras figurações, facto estranho atendendo a que a sua presença em Portugal era real desde o século XV, e em evidência desde o século XVI até ao presente. Esta nossa análise tem por comparação a pintura e a escultura e confirma que na arte azulejar os negros não tiveram a mesma expressão que nas duas primeiras. Em alguns aspectos os janízaros e os orientais foram mais representados do que os negros, nomeadamente nas já referidas *figuras de convite* e nas caçadas.

A presença dos negros na azulejaria está patente na arquitectura civil (institucional, palaciana e burguesa (Simões 1979; 1990; 1997)) e religiosa (essencialmente nos programas iconográficos edificados e decorativos nos mosteiros e conventos das ordens religiosas (Borges 2011) mas também em igrejas urbanas), podendo aqueles ser representados de forma polícroma ou a uma só cor, no tradicional azul sobre branco. No Palácio do Correio-Mor, em Loures, é evidente o realce que se quis dar à africana, pois na totalidade do painel, pintado a azul sobre branco, a peliz por ela usada é ocre, chamando imediatamente a nossa atenção para essa encantadora figurinha no canto esquerdo decorando o tanque de rega. No interior da capela deste mesmo Palácio encontra-se um painel com um negrinho.

Embora não esgotando o tema, que por escasso não permite grandes conclusões, referimos a nossa perplexidade quando analisamos a azulejaria da Universidade de

---

10 Palácio dos Condes de Aveiras (actual Palácio de Belém), Palácio dos Condes da Calheta, Palácio dos Condes de Óbidos, Palácio dos Marqueses de Fronteira, Palácio dos Marqueses de Minas, Palácio dos Marqueses de Olhão e Palácio do Correio-Mor. Desenvolvemos análise específica em Ana Paula Correia (2005, 223-243) e Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara (2005; 2007).

11 "Aos 6 de Junho de 1643 faleceu Jacinto escravo do Capitão Manuel Teixeira/Homem. Enterrou-se no Adro" (Borges 1999, 88).

Évora (Medeiros 2002), de 1747. Na representação dos Continentes esperávamos, como na representação da América onde estão dois índios, encontrar a figura de algum africano, independentemente do sexo, mas tal não existe. Vemos o carro da abundância, onde se desloca um branco, ser puxado por dois leões, numa cenografia que é um misto de arvoredo europeu e africano.

Na área das ciências da saúde (Pina 2010), não encontramos qualquer representação de africanos. Também na cidade do Porto não temos referências, embora na segunda cidade do reino talvez fosse improvável a sua representação, pois durante séculos esteve vedada a permanência de nobres no burgo, prerrogativa dada por D. João I (1357-1433) como recompensa pelo esforço dos portuenses na afirmação da Dinastia de Avis.

A atenção social dada ao negro, integrado num complexo sistema civilizacional, só tem expressão artística azulejar a partir do século XX, com destaque para os programas decorativos de Lino António (1898-1974) no actual Instituto de Investigação Científica Tropical em Lisboa (Leandro 1998, 140-145), mas deste período não iremos, por agora, ocupar-nos, embora tenha sido objecto de estudo para a sua contextualização em épocas mais recuadas. A representação do negro na azulejaria alarga-se ao território peninsular ao longo dos séculos, como o painel já referido, em Barcelona, e, entre outros, um painel publicitário do século XX num estabelecimento comercial em Mérida[12], onde um negro transporta uma bandeja com uma chocolateira fumegante.

O estudo que agora apresentamos constitui um resumo da temática que temos vindo a investigar e que se pretende desenvolver em trabalho mais aprofundado. Aqui se apresentam algumas imagens, no contexto que desenvolvemos, tendo como epicentro o Negro na Azulejaria em Portugal, entre os séculos XVII-XIX[13].

12 Calle St.ª Eulália, n.º 40, Mérida, Espanha.

13 O autor agradece a todas as instituições públicas e privadas o apoio para a inventariação e a autorização para publicação das fotografias.

Representação de negros na azulejaria em Portugal, séculos XVII-XVIII[14]

1
Lisboa, Palácio Pimenta-Museu de Lisboa, *Reservas*, século XVIII
(© Museu de Lisboa)

2
Mulher com cesto de frutas. Oeiras, Palácio de Queluz, *Sala das Mangas*, século XVIII (?)
(*in situ*)

14 As fotografias sem referência do autor foram tiradas por quem assina o artigo.

3
Lisboa, Benfica, Palácio Fronteira, *Jardins*, século XVII (*in situ*)

4
Lisboa, Palácio Pimenta-Museu da Cidade, *Cozinha*, século XVIII (*in situ*) (© Augusto Moutinho Borges)

5
Odivelas, Mosteiro de S. Dinis, *Átrio de Entrada*, século XVIII (*in situ*)

6
Lisboa, Xabregas, Palácio Olhão, *Salão Pompeia*, século XVIII
(*in situ*)

7
Lisboa, Casa Nobre de Lázaro Leitão Aranha, *Sala de Receber*, século XVIII
(*in situ*)

8
Lisboa, Palácio do Correio-Mor, *Capela*, século XVIII
(© Augusto Moutinho Borges)

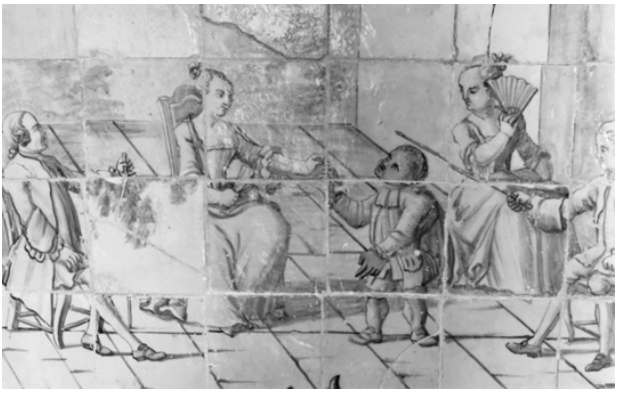
9
Braga, Palácio dos Biscainhos, *Salão Nobre*, século XVIII (*in situ*) (© José Filipe Ferreira)

10
Lisboa, Fundação Medeiros e Almeida, *Sala do Lago*, século XVIII (© Maria Mayer)

11
Montaria (Viana do Castelo), Igreja Paroquial de São Lourenço da Montaria, *Altar-Mor*, século XVIII (*in situ*)* (© Patrícia Roque de Almeida)

* Igreja com arquitectura religiosa, maneirista e barroca, de planta longitudinal e nave única, com frontispício marcado por duplas pilastras coroadas com pináculos e terminada em frontão triangular, com nicho no tímpano, no alinhamento do portal, emoldurado por pilastras e entablamento, e janelão, coroado por frontão de volutas. Interior de características barrocas, com retábulos em talha dourada, de estilo nacional, azulejos da nave de albarradas, e da capela-mor, figurativos, do chamado ciclo dos Mestres (1680-1720).

12
Queluz, Palácio de Queluz, *Jardim* (represa), século XVIII (*in situ*)



13
Oeiras, Palácio Pombal, *Sala de Jantar*, século XVIII (© Adelaide Nabais)

Bibliografia

ALMEIDA, Liliam Preste de. 1997. "O teatro da Guerra da Restauração: a Sala das Batalhas do Palácio Fronteira, uma leitura estético-simbólica". *Revista Monumentos* 7: 70-77.

ALMEIDA, Patrícia Cristina Teixeira Roque de. 2004. *O Azulejo do Século XVIII na Arquitectura das Ordens de S. Bento e de S. Francisco no Entre Douro e Minho*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ARRUDA, Luísa. 1993. *Azulejaria Barroca Portuguesa: Figuras de Convite*. Lisboa: Inapa.

BORGES, Augusto Moutinho. 1999. "As minorias em Almeida na génese da Restauração – 1640/1648". *Revista Altitude. Guarda* 4: 73-91.

BORGES, Augusto Moutinho. 2011. "Azulejaria". In *O Esplendor da Austeridade, Mil Anos de Empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade*, 491-494. Lisboa: INCM.

BORGES, Augusto Moutinho. 2012. *Cores na cidade: azulejaria de Santa Maria de Belém*. Lisboa: By The Book.

BORGES, Augusto Moutinho. 2013. *Cores na cidade: azulejaria de Alcântara*. Lisboa: By The Book.

CALADO, Rafael Salinas. 1986. *5 Séculos do Azulejo em Portugal*. Lisboa: Correios e Telecomunicações Portugal.

CALADO, Rafael Salinas. 1999. *Azulejaria na Madeira e na Colecção da Casa-Museu Frederico de Freitas*. Lisboa: Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Região Autónoma da Madeira e Casa-Museu Frederico de Freitas.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2005. *Arte de Bem Viver: A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa da segunda metade de setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2007. *Azulejaria do* Século *XVIII: Espaço lúdico e decoração na arquitectura civil de Lisboa*. Lisboa: Civilização Editora.

CARDONA, Paula Cristina Machado. 2004. *A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos* Séculos *XVII a XIX*, vol. 3. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto.

CARDOSO, Arnaldo Pinto. 2003. *O Presépio Barroco Português*. Lisboa: Bertrand.

EÇA, Teresa de Almeida. 2005. *Museu dos Biscainhos*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

FONSECA, Jorge. 2010. *Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista*. Lisboa: Edições Colibri.

HENRIQUES, Isabel Castro. 2008. *A Herança Africana em Portugal*. Lisboa: CTT.

LEANDRO, Sandra. 1998. *Lino António (1898-1974)*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria.

LOBO, Francisco Sousa. 1997. "Batalhas da Restauração". *Revista Monumentos* 7: 78-87.

MÂNTUA, Ana, ed. 2005. *Azulejaria Valenciana:* Século *XIII ao século XX*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

MATOS, Maria Antónia Pinto de, ed. 2012. *Um Gosto Português: O uso do azulejo no século XVII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.

MECO, José. 1989. *Azulejaria Portuguesa*. 3.ª ed. Lisboa: Bertrand.

MEDEIROS, José Filipe. 2002. *Os Azulejos da Universidade de Évora*. Évora: Universidade de Évora.

NEVES, José Cassiano. 1995. *Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira*. Lisboa: Quetzal.

PINA, Madalena Esperança. 2010. *Traços da Medicina na Azulejaria de Lisboa*. Lisboa: Caleidoscópio.

SERRÃO, Vítor. 2003. *História da Arte em Portugal: O Barroco*. Lisboa: Ed. Presença.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. 1965. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. 1979. *Azulejaria em Portugal no* Século *XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. 1990. *Azulejaria em Portugal nos* Séculos *XV e XVI: Introdução Geral*. 2.ª ed. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. 1997. *Azulejaria em Portugal no* Século *XVII*, 2.ª ed., 2 tomos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TÉRCIO, Daniel. 1999. *Dança e Azulejaria no Teatro do Mundo*. Lisboa: Inapa.

VELOSO, António Barros, e Isabel Almasqué. 1996. *Hospitais Civis: História e azulejos*. Lisboa: Inapa.

VILAÇA, Teresa de Seabra Cancela. 2006. *Fundação Medeiros e Almeida: Um tesouro na cidade*. Lisboa: Fundação Medeiros e Almeida.